

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

Q.M.B. (Bibliotecário)

GALEGOS, SANTA MARIA
(Barcelos)



(B)
908(469.12)
ALM

1976

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

*Para a Biblioteca
C. M. B. Barcelos - ex-libris
depois de 1967, Dr. Reis, ao Dr.
deh. Metr. Dr. T. F. de Sousa - ofereceu Autos
frescos de Discrepância Rel. e Moral (Aponta-
mentos - 79 67) e 1967 e 1968.
300 latim - Exceções...
155 brs, 100 pms (2.2.1967) de 1967.
Kawano*

GALEGOS, SANTA MARIA
(Barcelos)

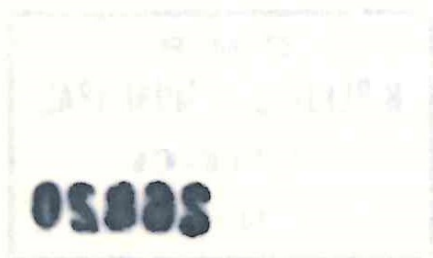


*Barcelos
Perm*

1976

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

GALLEGOS, SANTA MARIA
(Parcelos)



1970

RAZÕES DESTE TRABALHO

Não sou historiador de profissão, o que não obsta a que, como muita gente, pretenda saber alguns dos factos mais relevantes da vida que teve a comunidade em que nasci: Galegos — Barcelos.

A partir de 1940 — e a isso não foi estranha a comemoração dos chamados Centenários de Portugal — muitos concelhos publicaram sua monografia histórica. De freguesias é que pouco há, mas já a fizeram Vilar do Monte (que, todavia, nem disso sabe), Salvador do Campo, Forjães e outras.

Até 1700 poucos historiadores tivemos e, na palavra apaixonada de Morais Sarmento em «O Valor Histórico de Fernão Lopes» — 1923 — foram parciais. O abade de Galegos, em 1758, só refere as Crónicas antigas como prova de as ruínas arqueológicas junto de S. Lourenço (Alheira) atestarem antiga povoação de Mouros. E não foram nada disso.

Quer nas histórias recentes de Barcelos — a de Mancelos, a de Ernesto Magalhães e a de Teotónio Pereira, quer na de Prado — de Leonídio de Abreu — aparecem algumas linhas sobre a nossa terra. É pouco. Além disso, pouco mais há salvo nos Dicionários Corográficos, no Padre Carvalho e em Pinho Leal.

Estranhei que homem algum de Galegos ou em Galegos, como os párocos, tivesse tido curiosidade de responder às perguntas: — mas que gente é esta e como viveu e desde quando? Ou tiveram, sem conseguirem respostas.

Estas linhas serão, portanto, o ponto de partida para novas procuras — por mim ou outro filho da terra, o que já quer dizer que são incompletas. Mesmo assim hão-de ser melhor que nada. E só alguns terão os Recortes dos Subsídios que fui escrevendo no jornal de Barcelos «A Voz do Minho», desde 1971. Nem eles deram visão de conjunto como investigação que eram.

Lisboa, Novembro de 1976.

O AUTOR

MÉTODO

Vou seguir a ordem cronológica, apesar de haver séculos e séculos em que não tenho relatos sobre Galegos. São buracos que ficam abertos. E sigo-o por ser o mais simples para quem não teve grandes luzes de História. Serei breve, que as publicações ficam caras.

AS FONTES

Como guias, estarão presentes as histórias gerais de Portugal, sobretudo uma recente do dr. Oliveira Marques. Para a vida cristã, a de Miguel de Oliveira, 1968. De mais perto: as de Barcelos e a de Prado, já ditas.

Específicas: os livros paroquiais seguintes: «Estatutos da Confraria do Santíssimo»; «2 Livros das Visitações» (1663-1762 e daí a 1841); «Livro dos Defuntos» (1772-1878); «2 Inquirições» (1220 e 1258); «Livro dos Testamentos» (1762 em diante); «Escritura de Casamento» de Gundisalvo Luz (ano de 1081); «Memória Paroquial de 1758» e alguns mais, todos referidos nos meus Subsídios em «A Voz do Minho».

Falta estudar: o «Tombo»; os «Livros de Baptismos»; os dos «Casamentos»; os das «Visitas» antes de 1663. Estarão, talvez, no Arquivo Distrital de Braga. Faltam ainda os de «Estatutos» de outras Confrarias e os de «Usos e Costumes» (António de Sá escreveu no «Vilaverdense» sobre os de Parada de Gatim).

OS CONFRONTOS

Deste trabalho não podem sair generalizações para a História de Portugal: só interessa aos de Galegos e pouco mais. Mas como Galegos nunca esteve sozinha no Mundo, uma que outra vez se aludirá a acontecimentos contemporâneos para rasgar horizontes como nas minhas «Coisas de Longe e de Perto».

A TERRA E SEU NOME

Galegos é um território que antes do ano 1081 foi dividido em dois: Santa Maria, a ocidente, e S. Martinho (é o de Tours, não o de Dume), a oriente. Esse território configura-se quase como um rectângulo de seus 5 quilómetros de comprimento, no sentido leste-oeste e uns 3 de largura, no sentido norte-sul.

— *Vizinhas:* a norte — Roriz; a nascente — Areias e Lama; a poente — Lijó; a sul — Manhente; entre Manhente e Lijó, S. Veríssimo e Arcozelo. Só tratamos de Galegos ocidental ou Santa Maria.

— *Cursos de água:* a sul, ainda de Manhente, o «Rio Grande» ou

Cávado — que já foi Celadus e Katavo; a norte, vindo de Alheira, por Roriz e Galegos, o «Rio das Caldas» (as do Eirogo) que vai juntar-se ao que vem de Lijó, atravessa Arcozelo e vai meter-se no Cávado. Antigamente aquele ribeiro separava a Terra de Prado da Terra de Barcelos, como se vê pelo Foral de Prado, de 1260 (D. Afonso III): «... *julgado de Prado*... parte por foz de *Pontelias* (*rio das Pontes, pontinhas*) e daí pela ponte de *Arcozelo* e pela ponte de *Bezeiros* e daí... à ponte de *Pontelias* e daí à fonte... da Estrada de Quirás e daí à Mamoá (anta) de Cima de Roriz e pelo *Ribeiro de Real* (é o que vai dar a Galegos) e daí a S. Lourenço» (já existia a capela!). Ver A Vila de Prado, pág. 25.

Nome: Não se sabe porquê, Galegos. Só que este nome é recente (o documento de 1081 diz *Villa Gallegus*) e também há freguesias chamadas Galegos na própria Galiza onde todos deviam ser «galegos». (Ver «Voz do Minho» de 8/12/73). Por outro lado, Galegos está dividida em partes — lugares e sítios — cujos nomes são mais antigos que o nome Galegos. Por exemplo: Paranhos, Valdomir, Pena, Penelas e Pena Grande, Cacavelos, Fraião, Chouso, Reborido. Estes os factos. Porquê, depois.

A PRÉ-HISTÓRIA (antes dos documentos)

Nem da tradição nem por vestígios materiais — a que umas más línguas chamam «cacos» — consta que Galegos fosse habitada desde muito antes de Jesus Cristo, seja, há mais de 2000 anos. Todavia, um Boletim do *Grupo Alcaldes de Faria* noticia que há uns 100 anos havia em Galegos o lugar de *Mamoá*. Roriz, como se viu do Foral de Prado, tinha em 1260 a *Mamoá* (de Cima). Ora as mamoas (mámoas, escreveu Arlindo Cunha) têm milhares de anos.

A *Toponímia* (nomes dos lugares) mostra contudo antiguidade: Pena — de *Pen*, palavra celta, a indicar rocha, como Penha (Senhora da); ora os Celtas andaram pelas Espanhas — e deixaram os *Castros* — mais de 600 anos antes de Cristo; *Chouso* vem de *Clausum* (fechado) e é Latim; ora os que falavam Latim foram os invasores vindos de Roma (diremos, hoje, da Itália) que venceram os de cá pelos tempos de Jesus Cristo. Só que os Romanos não iam romper terras «a bravo»: mais fácil, e da lei, era tomarem aos de cá as já cultivadas. Daí Chouso e outros nomes.

Mas deixemos isso à Etimologia, Filologia, etc., porque estávamos a falar de pré-história. Anotemos que há em Braga no museu do Seminário de Santiago um *Capitel* que pertenceu a uma antiga igreja de Galegos. Pode ver Avelino Costa, obra «D. Pedro». Quem o levou para Braga, como, quando, etc., gostaria eu de saber. É bom e é mau. É de estilo anterior ao da igreja de Manhente — é pré-românico.

GALEGOS NO TEMPO DE JESUS CRISTO

Neste tempo havia um império formidável com a capital em Roma — e o império caiu; e já antes tinha havido outros impérios. A China era culta desde mais de 2000 anos antes de Cristo. Como o Egipto, a Palestina (Judeus), a Pérsia, a Índia e outros. Galegos já tinha gente, mas não se chamava Galegos. Vejam que Barcelos no tempo de D. Afonso Henriques (por 1140) era pouco mais que uma quinta do rei (ver Mancelos — Resenha — pág. 16). Mas Braga fizeram-na os Romanos uma grande cidade. Dela partiam estradas empedradas — carros de cavalos — para Ponte do Lima, Astorga, Porto e Lisboa. Constanam do famoso Itinerário de Antonino (imperador).

A INVASÃO DOS SUEVOS (409)

É um povo germânico, digamos, alemão, que veio para estas terras pelo ano 409 depois de Cristo. Viviam cá os indígenas misturados — que seriam iberos, lígures, gregos, (casados) com os Celtas e depois com os Romanos, dando os Luso-Romanos. Agora, nova mistura com os Suevos. Deve ser por isso que temos cabelos loiros. Fizeram estragos, porque não eram cristãos e os de cá, sim, ao que parece. Um escritor de Braga, Orósio, fugiu de cá para junto de Santo Agostinho em Hipona (actual Tunísia no norte de África). Braga era bispado. Chaves, também. O bispo de Chaves, de nome Idácio, deixou escrita uma Crónica dos Suevos, em Latim. Eles prenderam-no. Veio a fazê-los cristãos o célebre bispo de Dume e depois arcebispo, Martinho — que só é padroeiro de Dume!

NO TEMPO DE S. MARTINHO DE DUME (por 570)

Este foi um sacerdote que veio de onde é hoje a Hungria para cá. Porquê é obscuro. É disparatada a hipótese do dr. Oliveira Marques: espião do império bizantino! No tempo deste arcebispo, que morreu em 579, a diocese de Chaves já não existia e o arcebispo governava até Bragança. A diocese estava repartida em 32 paróquias (lista no chamado «Paroquial Suevo»). Mas cada paróquia era maior que 1 concelho. Com o andar dos tempos, a tal paróquia se terá chamado Arcediagado (chefe: um arcediago, em vez de arcipreste). São Martinho escreveu diversos livros (Latim, como Idácio e Orósio porque era a língua falada naquele tempo). Refere-se ele a várias superstições da população de que era arcebispo. Ainda se mantêm algumas. Há quem diga que ele construiu um mosteiro em Manhente e outro em Tibães, depois destruídos e restaurados. A revista de Braga, «Scientia Juridica», está a publicar tradução de obras deste S. Martinho.

A INVASÃO DOS VISIGODOS

Estes eram dos chamados Godos que viveram pelo sul da Rússia actual e foram vindo até cá chegarem. Quiseram fazer de toda a Península Hispânica um império: havia que lutar para vencer os Suevos primeiro. Conseguiram-no uma meia dúzia de anos depois de S. Martinho ser enterrado (no mosteiro que fez em Dume). Como eram herejes — arianos (Jesus Cristo seria quando muito um Deus de 2.^a, por inferior ao Pai), os vencidos, católicos, tiveram bastante que sofrer às mãos deles. Por fim, rejeitaram a heresia e toda a Hespanha — Galegos também, claro — se tornou império católico (4 anos depois de vencerem os Suevos — e ninguém vá dizer que o rei de então não foi levado, também, por razões políticas: não há cristianismo nem doutrina sem alguma mistura de interesses, que a vida é assim).

Ora estes Visigodos, nossos antepassados também, mas menos que os Suevos, tinham as suas leis que impuseram. É o que vamos ver com S. Frutuoso.

NO TEMPO DE S. FRUTUOSO (por 660)

Este homem era de sangue real e portanto visigodo. A morte dos pais, deu os bens e fez-se eremita: vivia do que lhe davam e em cavernas. Tinha *servos* — pessoas mais ou menos escravas que serviam seu dono pelo comer e vestir sem poderem sair de tal serviço. A muitos deu Frutuoso a liberdade. A vida dele foi escrita em Latim pelos anos 670 a 680 segundo o Professor de Compostela, Diaz e Diaz. Tenho pronta a tradução dessa vida que, se vier a jeito, será publicada.

Também ele veio a ser, como S. Martinho, bispo de Dume e depois, arcebispo de Braga, em 656. Construiu muitos mosteiros — pequenas casas para religiosos (monges) como S. Martinho construiu. Ao certo, só se sabe do por ele construído — é célebre — em Real, «quem vem de Braga».

Na Vida dele relata-se que um homem ficou possesso do diabo e começou a bater com uma tranca no Santo. Frutuoso, fazendo o sinal da cruz, logo o curou. Os milagres são aos molhos — logo impossível — mas ainda no povo corre que o diabo foge ao sinal da cruz, donde a expressão: foge como o diabo da cruz. Coisas que vêm de longe!

A INVASÃO DOS ÁRABES (Mouros — 711)

As Espanhas eram no tempo de S. Frutuoso um reino enorme. Caiu por traição de alguns visigodos que chamaram os Mouros de

Marrocos em auxílio do partido deles. E os Mouros... vieram e não saíram mais até... Foi em 711. Isto era ainda um cristianismo mal plantado: pasma-se de como aceitaram os Mouros que foram por aí acima e até destruíram Braga. Os graúdos fugiram para o norte da Galiza. O povo ficou e os que não morreram viviam às ordens dos Mouros pagando-lhes um imposto. O Sul nunca mais levantou cabeça por si — no sul há muito sangue marroquino. O Norte começou a guerrilha e foi-os empurrando mais e mais, conquistando aqui, perdendo além, até porque o Mouro usaria o cavalo árabe em combate e teria melhor preparação militar que os Visigodos. Ver a descrição da batalha do Salado (temerosa) em J. J. Nunes — *Cresomatia Arcaica*.

Em rigor, o Árabe não ganhou raízes na nossa terra, mas a desorganização foi grande ao tempo da Reconquista.

A RECONQUISTA (desde 718)

A reconquista era uma guerra semelhante às que depois fizemos contra os Castelhanos ou os Franceses: expulsar o invasor. Faltavam soldados porque os cristãos eram poucos. Valeu que depressa vieram novas gerações tomar o lugar dos que haviam morrido. Alguns voltaram às terras que deles foram; outros, nunca mais e terras assim deixadas a mato, ocupava-as quem podia com ordem do rei visigodo — com a capital primeiro em Oviedo e depois em Leão.

E Galegos? Se lá não tivesse ficado gente, não se podiam ter conservado os antiquíssimos nomes de lugares: Chouso, Penelas, etc. Os que vieram ou eram os mesmos que saíram ou novos (outros). E se novos, dariam novos nomes aos lugares. Porque haviam de manter os velhos nomes? E como se os não sabiam? Os de Galegos ficaram nas suas hortas.

NOVA TERRA, NOVO BAPTISMO

Vimos que em 1081 se chamou a Galegos «Villa». Mas villa era o nome que o Romano rico dava às suas propriedades (herdade e palácio). E Galegos — o território — foi villa de algum X romano? Não sabemos. Se foi, que nome lhe daria o Romano? Mas se não foi de Romano, porque é que lhe chamam villa em 1081? Sobre Villa, ver Alberto Sampaio e M. Oliveira («Paróquias Rurais»).

A população cristã não cabia lá para Oviedo e Leão. Emigraram para sul. De uma freguesia iriam emigrando novos casais para as terras vagas de outra. Mas pode ser que algum conquistador trouxesse um grupo de famílias para o território de Galegos e aí lho repartisse pagando elas um foro. Isso exigia que o terreno já fosse dele antes, ou o conquistasse, anos antes de 1081. Mas se conquistado, havia

de ter seu nome. Era Galegos? Quem deu este nome? O conquistador? Os que vieram fabricar ali a terra? Mas eram mesmo da Galiza? De que parte? De qual terra vieram? Podem não ser nada da Galiza e ter sido os que ficaram ou os de fora (Lijó, por exemplo) quem alcunhasse as novas famílias chamando-lhes «os galegos» e o nome pegasse. Porque os de Manhente devem ter vindo também de fora — de perto de Burgos. Seja como for, a palavra é nova e o baptismo é novo, o que significa que a nossa terra foi re-baptizada se outro nome teve, ou recebeu aquele nome por ser território demarcado de novo. A sede da vila romana podia ter sido acima de S. Lourenço ou em Roriz (onde em 1220 se fala em paço). Note-se que o baptismo se fez bastante antes de 1081 porque, por essa data, já o território, que foi uno, se subdividira em 2 paróquias, a oriental e a ocidental, como dito atrás; por sua vez, subdivisão de algum dos antigos arcediagados. Galegos era, por esta altura, a paróquia n.º 424 num Censual de Braga que Av. Costa estudou.

O DOCUMENTO DO ANO 1081

Tratei dele em «A Voz do Minho» de 27/1/73. Vem referido pela Enciclopédia Luso-Brasileira (palavra Galegos) e por Machado no Dicionário Etimológico. Foi publicado por Herculano na colecção P. M. H. — Diplomata et Chartae — pg. 357.

Traduzido, reza o texto: «Eu Gundisalvo Luz dou a ti... Unisco, da família Sousa Dias, como dote: as Vilas referidas entre Lima e Cávado com suas pertenças...» Que pertenças? Bens, mancípios e mancípias, que são um tal Menendo com os filhos e netos (não fala na mulher...), Belita, Guiscalco, Grado, Adelfo, etc.

Repare nos nomes: só Menendo — que em 1220 aparece reduzido a Mem — tem forma alatinada. Os outros são indígenas ou visigodos. A doação é de 37 povoações, mas os mancípios (chefes como o Belita, etc.) só são 20.

Questão: Quirás e Galegos foram do mesmo dono? Foi ele o mesmo povoador? Deu a ambas o mesmo pároco? Em 1081, Quirás já estaria anexa a Galegos como o estava em 1536? Ver Dr. Teotónio: a Casa de Azevedo (Lama) e «Voz do Minho» de 22/7/72: «Martim Lopo de Azevedo venceu a igreja de... Galegos com sua anexa». É um padroado.

Este é o mais antigo documento, que se conhece, referente à freguesia. É do tempo em que a diocese de Braga foi restaurada (teve de novo seu bispo que foi D. Pedro) porque até à restauração os bispos de Braga, viveram perto das ovelhas: em Lugo! Até acumularam, o que deu enormes confusões e disputas. A seguir, tudo em silêncio durante 139 anos, até 1220.

Nota: Na carta de Couto de Manhente — 1128 — refere-se Penelas.

O INQUÉRITO (inquirição) DE 1220

Tratei desta inquirição em «A Voz do Minho» de 8/4/72. Fez-se porque o rei de então, D. Afonso II, se convenceu de que os nobres e as igrejas estavam a ficar com bens da coroa sem darem cavaco. E ele a ver!... Ouviram os Inquiridores várias testemunhas de Galegos, inclusive o abade (abbas), chamado Martinho Godiiz. Testemunhas: Pedro (filho de) Pedro, Pedro Sueriz (Sueiro), Pedro de João, Pedro de Gunsalves, João de Pelágio, Filho Bom, João de Sueiro, Fernandes de Gunsalves, Pedro *Pequeno* e Soeiro de Pelágio.

O povo já não falava Latim, mas o escriba alatinou. Não soube alatinar *Pequeno*. Quase todos são Pedros. O apelido Soeiro desapareceu, mas há ainda Fernandes e Gonçalves (desde há 700 anos!).

1220 — A IGREJA PAGAVA AO REI

a) de uma propriedade: 13 varas de linho (2 bragais menos 1/7), mais 1 soldo *em vez de* 1 lombo de porco (spatula) e 8 denários *em vez de* 1 cordeiro (carneirinho, borrego). Leia spátula.

b) de outra: 1 côvado mais 1/3 e 3 soldos;

c) de outra ainda: parte de 1 côvado e 3 mealas (meio dinheiro), moeda criada por D. Afonso Henriques. Ver Oliveira Marques, 83.

Nota: o imposto é pago *em géneros* (linho); no mais está substituído por moeda. Valores ou custos: 1 lombo — 1 soldo; 1 borrego — 8 dinheiros.

1220 — FRAIÃO E CACAVELLOS (LUGARES)

Fraião — Froyan — nome de homem. Ver Xavier Fernandes — Topónimos. Ainda existe.

Cacavellos (não Carcavellos): não existe e segundo M. Pidal é nome de origem latina. Sobre ambos os lugares caía o imposto de dar dormida e comida ao rei ou seu mordomo (quando de passagem por Galegos).

1220 — BENS DA IGREJA

Eram eles *searas* (senárias) e 8,5 *casais*. Searas: campos cultivados directamente. Casais — terras dadas em foro (renda perpétua ou por vidas), sendo cada casal o terreno normalmente suficiente por ali manter uma família média; terra junta (quinta) ou dispersa em leiras. Em S. Veríssimo ainda há pouco havia «Zé do Casal».

O inquérito não ficou bem... e repetiu-se 38 anos depois.

CASAIS DA IGREJA EM OUTRAS TERRAS

a) Em Alheira — 3 casais; b) outros 3 em Alvito; c) Em Roriz — 4,5 casais. Quem os deixou à Igreja e porquê ainda se não sabe.

A conclusão é: uma moda faz que se deixe e outra, como em 1834 e 1910, faz que se tire.

GALEGOS EM 1258

Pelo inquérito em Galegos em 1258, tempo do rei D. Afonso III, também publicado por Herculano no *Portugaliae Monumenta Historica* se vê: 1.º) em vez do abade, aparece o capelão Estêvão Joanes; 2.º) aparecem 2 nobres a testemunhar: Dom Durando e D. Juliano (Julião); 3.º) a Igreja era mais rica por ter comprado parte da herança de um Menendo (ou Mem) Aires (Ayras); 4.º) a Igreja não pagava, pela parte comprada, imposto porque os bens da Igreja eram disso isentos (e ainda o são pela Concordata). Por causa destas riquezas, os homens das igrejas caíram em muitos abusos: de tal forma que em Roma se falsificavam bulas atribuindo-as ao Papa, sem dele serem, e em Portugal, os reis tiveram — a bem do Povo — de mandar aos bispos que castigassem certos padres, monges, etc. Donde se demonstra que no melhor pano pode cair a nódoa: J. Cristo foi por alguns muito atraído.

POPULAÇÃO DE GALEGOS NO SÉCULO XIII (1200 - 1299)

Já vimos que havia 8,5 casais da Igreja. E sabemos que Manhente (mosteiro) tinha lá 5,5 casais, Vilar 3 e a Várzea 1, o que dá 18 casais ou 18 proprietários. A 5 pessoas cada, temos 90. Se considerarmos que os não proprietários como pedreiros, jornaleiros, criados, etc. fossem outros tantos, teremos ali pelo menos 180 pessoas. E não é que em 1758 o abade diz que as pessoas eram só 221?! Muita peste houve ou emigração. Armando de Castro estuda estes problemas — cego de 1 olho, todavia — na sua obra «A Evolução Económica de Portugal». O estudo aprofundado do «Couto de Manhente» e da «Honra de Azevedo» é absolutamente necessário para esclarecer o que foi a vida de Galegos e vizinhas. Ainda não consegui pôr olho sobre a tese da Dr.^a Costa Fernandes sobre Manhente.

GALEGOS PELO ANO DE 1369

Deste ano há um Censual de Braga, referido pelo Dr. Av. Costa em «D. Pedro» (ver «A Voz do Minho» de 31/3/73). Galegos pagava à Sé: 1 bragal, que valia 40 soldos; mas por outro bragal (mais antigo?) e Calendário (a folhinha), só 11 soldos; «novos», «mantas»

(1/3) e «monturas»; das colheitas (searas — calculadas em 6 moios, 360 alqueires ou rasas) a dízima, décima ou 10 %, no valor de 4 maravedis. Por cada visitação — já as havia no tempo de S. Martinho, o que não há é o registo delas — 5 libras. (Sobre moedas antigas e valores pode ver-se T. Aragão).

Repare-se que por esta época o arcebispo de Braga era um francês, houve conflitos em Braga com o célebre Vasco Domingues, se deu o caso de D. Inês de Castro, já tínhamos Universidade em Lisboa e havia 2 papas ambos a dizerem-se verdadeiros. Quando a Santa Sé, aqui, não caiu, nunca mais! Mas só por milagre ela não caiu. Os cônegos de Braga até apoiaram o anti-papa! Custa a entender como e todavia não eram parvos, nem pensar!

Repare que estamos pouco antes do tempo de Aljubarrota (1385).

GALEGOS POR 1450

É pelo menos desta altura a devoção a Santo Amaro. Repare que em *Beja* há a capela de *Santo Amaro* — monumento nacional como o cemitério de Odrinhas (Sintra) e a igreja de S. Frutuoso dita atrás. Por 1450 já não havia beneditinos em Manhente nem em Vilar nem na Várzea. Só os de Manhente podiam ter introduzido a devoção ao beneditino Amaro ou Mauro. Logo, foi antes de 1450. (Ver «A Voz do Minho» de 13/10/73 e o Dr. Teotónio — Barcelos Aquém — mas esgotada). A *Crestomatia Arcaica* de José J. Nunes traz parte do celebrado *Conto do Amaro*, escrito no séc. XIV (1300-1399), sob o título «O Paraíso Terreal».

Da Senhora do Bom Sucesso: desde quando se venera em Galegos e na capela de Santo Amaro? Venera-se também em Prado (ver A Vila de), em Penamacor (v. Padre Bigote — N.^a S.^a na Diocese da Guarda — 286). Refere-se L. Vasconcelos a *Bom Sucesso* em Religiões, I, 372. Em Galegos tem hino próprio como S. Amaro tem o dele. Falta escrever as letras e as músicas desses hinos.

Repare que foi pouco antes de 1450 que começámos os Descobrimentos.

Damos agora novo salto para 1515.

GALEGOS PELO ANO DE 1515

Pelos meus cálculos, era então abade um Miguel I de Azevedo que teve filhos vários, bastardos. (Ver «Voz do Minho» de 21/4/73 e 9/11/75). Note que houve párocos só de título — um até foi mulher. Tinha, nesse caso de nomear alguém com ordens para o substituir. Mas o Miguel I parece-me que era de facto padre, só que, naquela

altura, não se estranhava ter um padre filhos. Casou uma filha para a rica Casa da Bagoeira. Azevedos da Lama e Pinheiros de Barcelos (tiveram vários bispos) ligaram-se por casamentos (por causa da praga — e mania — dos morgadios). Dar o «terço» a um filho é resto de morgadio.

POR 1565

Nesta época, que foi de muito esplendor nacional, por causa do ouro da Guiné, especiarias de Goa e madeira do Brasil, quase tudo emigrou para ir enriquecer. Morreram aos milhares no mar e nas guerras. Começaram a fazer-se registos paroquiais: de casamentos, etc., porque alguns, fazendo-se solteiros, casavam 2 vezes com prejuízo das noivas. O abade era outro Azevedo, Miguel II, sobrinho-neto do Miguel I. Há-de ser desta época o 1.º Tombo, cadastro dos bens da Igreja de Galegos. Nesta época — e pelo menos desde 1536 — o padroeiro de Galegos era a Casa de Azevedo: direito de escolher o pároco. Sempre que pôde nomeou para lá seu filho segundo. Galegos era rica e bom emprego. Que Deus lhes perdoe. Os reis faziam na mesma, até com os bispados, para terem bispos obedientes, do que resultou a miséria de muitos párocos e, em alguma parte, a decadência nacional que Antero veio a criticar em 1871 em «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares». Mas Antero aliou-se aí a judeus e maçons, todos inimigos do cristianismo. No fim, matou-se.

De Galegos não sabemos quase nada, mas é provável que as Confrarias do Rosário e do Santíssimo tenham sido fundadas por esta época — como reacção contra os Protestantes ingleses e alemães (Lutero). O arcebispo era o dominicano, valente, beato Frei Bartolomeu dos Mártires, acusado por Camilo de traidor à Pátria. Mas Camilo teve de engolir o que disse. É também a época do famoso Camões. Segue-se novo salto até 1663: reflexos aqui do domínio espanhol, ou da independência em 1640, não os conheço.

GALEGOS POR 1663

Nesta data se iniciou um Livro de Visitações onde um cónego da Sé, por delegação do arcebispo, escrevia reparos, dava ordens e impunha multas aos fregueses de Galegos. O abade tinha de ler tudo isso em 3 domingos, à missa. Já vimos as 5 libras em 1369. Galegos pertencia à zona de visitas chamada *Entre Homem e Cávado e Vale de Tamel*. (Sobre o Cabido pode ver A. Luís Vaz — O Cabido de Braga, de 1071 a 1971). A princípio a visitação era anual; depois, trienal e até mais espaçadas. Acabaram de todo quando o cabido foi perdendo os bens. Não havia cónego que não fosse filho de gente

rica. (Pode ver a obra *Dignitários da Sé de Braga* dos séculos XVII e XVIII de Artur M. A. P. G. S. Távora).

O Abade Maçedo (com cedilha e era correcto) escreveu uma Tábua ou lista das pessoas cujos bens tinham encargo pio: para de algum modo substituir o Tombo.

Esses bens eram: *Vinha* grande em Portela, Eido, Campo do Rio, Cachada, terra da Poça do Carregal, Pedreira de Cima, Cortelho do Trigo, etc. Vejam como os nomes dos lugares se conservam. *Pessoas* nomeadas: Pedro F. Castro, D. Lopes, Maria Gonçalves, F. Lomba, João Lourenço, João Francisco (lugar de Casa Nova). Diz as medidas que a terra levava (1 alqueire, etc.) e ainda: *1 missa por homem*, *1 missa por mulher*, *6 missas por sacerdote*, *1 ofício de 5 padres por ano*, etc. Não sei o significado das expressões como *1 m. por mulher*.

Vemos muito sobrecarregado um *Francisco* Lourenço (Aldeia): obrigado às 3 missas de Natal, 1 em 15 de Agosto, 1 alqueire de pão para o Sobsino (confraria), 1 quartilho de azeite para o Santíssimo nome de Deus. *Outros*: Casa de Azevedo, 2 missas por ano por alma do ex-abade Manuel de Azevedo e sua mãe; *Casa* junto ao pas-sal; Francisco da Silva (16 m.); Senhorinha Domingues (Fraião): 2 m. nos Santos e 1 na Assunção. Deve ser a casa que foi do falecido Dominginhos Rocha (não confundir com o do lugar da Pena, pai do P. José e do Dr. Manuel e tio do Padre Domingos, este falecido em 76).

Santo Amaro: a capela actual será uma reconstrução de 1662, data inscrita em pedra sobre a porta do lado sul.

DE 1663 A 1732

Estava-se a 23 anos depois da independência; o arcebispo de Braga foi preso com outros por affectos a Castela; D. João IV e por morte dele, a viúva regente, não tinham mãos a medir à procura de dinheiro para a guerra — porque a Espanha não largava o osso (ver o Cabido de Braga, pg. 198).

Do Livro das Visitações recolhem-se, entre outras, as informações seguintes (ver «A Voz do Minho de 9/9/72 e 30/6/73):

— 1664 — Já existia o altar «da Senhora» (Rosário). A imagem o mostra.

— 1666 — Um Pasteleiro e João F. da Pena «ponham» pedras na testada do Lameiro.

— 1671 — Limpem o caminho da Fonte de Baixo; Domingos Martins ponha uma cancela na sua terra (Pena) e F. Miranda, outra, na cangosta de Regoufe (compare com Patoufe — de Wulf, língua alemã, lobo — ver X. Fernandes — Topónimos).

— 1675 — A imagem da Padroeira estava sobre o Calvário (os Passos?).

— 1677 — Manda pôr caleiras no torreão; repicam o sino do chão;

— 1677 — Mande pôr caleiras no torreão; repicam o sino do chão; há danças desonestas dentro e fora da igreja!

— 1679 — Consertem Reborido.

— 1681 — Acompanham os defuntos com gritarias e de chapéus na cabeça!

— 1685 — Trabalha-se ao Domingo.

— 1688 — Os da S.^a do Rosário gastam em luxos; se os querem, paguem das bolsas deles.

— 1689 — Deixam ir as raparigas, à noite, com os namorados aos moinhos...

— 1717 — Não cumprem as Pastorais sobre *serões* e espadeladas; o abade ou as faz cumprir ou ficará suspenso.

— 1724 — Consertem os telhados.

— 1726 — Expulsem de cá as viúvas que venham de fora. Em 1711, o chão da igreja era em lages de pedra.

1732 — 1.^{os} ESTATUTOS DO SANTÍSSIMO

Tratei da Confraria do Santíssimo no jornal «A Voz do Minho» de 5/1/74, 20/11/71 e 6/11/71. Os Estatutos desta Confraria são de 15/5/1732 — têm quase 250 anos. Estão em 1 livro manuscrito onde, após os 1.^{os} Estatutos, foram lavradas as sucessivas reformas deles — que foram várias. Dos primeiros Estatutos há também um caderno à parte, manuscrito, com desenhos. Entre os Capítulos do Livro e os do Caderno há algumas diferenças.

Não dizem quem a fundou: mandam só rezar por intenção do fundador (a) 1 Reponso cantado por ano. Referem o abade Francisco Vaz de Figueiredo mandando se reze por ele 1 missa cada ano. Presumo que o fundador foi sacerdote — por isso se rezaria «Deus qui inter Apostolicos Sacerdotes», mas não o Vaz de Figueiredo.

Abrangia (área) Santa Maria, S. Martinho, Manhente, Lama, Areias, S. Veríssimo e Quirás. O Juiz podia ser de qualquer delas. De Galegos seguiam para cada uma da área 4 círios (para os defuntos ou o Santíssimo), salvo Areias e Quirás: só 2 cada.

A Lama tem referência especial porque um de lá, Domingos Manuel *da Lama*, deixou muitos bens à confraria.

Livros da Confraria: de Receitas e Despesas, de Eleições, de Bens móveis, de Escrituras, de Doações, de Assinados, etc. Não os vi. Voltaremos à Confraria.

A 1.^a Confraria do Santíssimo que houve em Portugal data de 1539, em Penafiel (ver Miguel Oliveira — História, 4.^a, 275).

A Franqueira: Os primeiros Estatutos mandam a Confraria pagar aos Franciscanos da Franqueira, por ano: 5 alqueires de centeio,

10 de milho e 1 libra de cera amarela — o que denota ter havido em Galegos muito mel. (Há monografia da Franqueira, obra do Sr. Antero de Faria — Barcelos).

GALEGOS DE 1735 A 1758

Pode ver em «A Voz do Minho» de 9/9/72.

— 1735: o Visitador manda ao abade que padre sem coroa e não vestido conforme as Pastorais não o deixe exercer em Galegos. Algumas Pastorais estão nos Livros das Visitas.

Por 1735, o arcebispo clamava contra luxos, nos padres, como estes: grande cabeleira, risca no cabelo, folhos na roupa, sapatos especiais, meias brancas, etc. Modas!

— 1740 — acha o Arco Cruzeiro pequeno e ser curta a Capela-mor.

— 1745 — estranha que nada fizessem do mandado em 1740 (Arco e Capela) e refere que quis ver o Tombo mas lhe disseram que andava por Braga. O Sr. Padre Benjamim Salgado acaba de me remeter um trabalho que fez sobre o Tombo de Antas (Famalicão) elaborado em 1555. Repara ainda o Visitador que viu 2 capelas em Galegos — só 2 — S. João e Santo Amaro e lhe disseram que a de S. João tinha bens (Confraria) com frutos que revertiam para a igreja paroquial. Mas não viu prova documental. Já veremos o que destas capelas disse o abade de 1758 (13 anos depois, Memória).

— 1746: o visitador, dr. Medina, dá ordem de levarem o Arco Cruzeiro para diante (fazer a igreja mais comprida) e pôr *tribuna* na Capela-mor. Ainda tem tribuna. Era por causa das Endoenças (ver P. Acácio).

— 1750: Testamento de Francisca *Antónia* a dizer que José *Ribeiro* (dos Pires? Nos primeiros Estatutos do Santíssimo fala-se de um André Pires. Como são velhos os nomes!) lhe devia 2250 réis e parte de 1/4 de ouro que ela pagou por ele — de chumbo — no Porto. Será que ele foi morrer ao Porto? *Ela devia*: 1/4 de ouro a uma de Carapeços, 8 tostões a José de Almeida e mais 8 ao boticário de Barcelos (vê-se: Galegos era de Prado, mas o povo ia a Barcelos, não a Prado). A mesma Francisca devia também dinheiro a José do Monte (Areias). Ver «A Voz do Minho» de 5/5/73.

1758 — DATA DA MEMÓRIA PAROQUIAL

Trata-se de um Relatório manuscrito que cada pároco teve de mandar ao Rei — era D. José cujo chefe de Governo foi o, para mim, também infame Pombal — em resposta a perguntas feitas pelo Governo logo após o gravíssimo terramoto de Lisboa, de 1755. Está na Torre do Tombo, mal seguro anexo do palácio de S. Bento, num Livro formado com ela e outras — ordem alfabética. Por não publi-

cada, vou transcrever o texto dela, mas em grafia actual (que não interessa aqui a Filologia).

A colecção de livros pertencia aos Oratorianos (Religiosos) do Colégio das Necessidades. Para os de S. *Martinho*: o pároco deles era o Reitor de Manhente, Padre João da Silva Coelho (de Santa Maria?), eram 150 vizinhos; distava 2 léguas de Braga e outras 2 de Barcelos (é erro), já tinham a S.^a da Conceição, estavam ligados à Misericórdia de Braga, tinham já Santa Marinha (santa lendária), serviam-se do correio de Barcelos que chegava ao Domingo «à noute» e chama-se ao Facho cidade de S. Nicónio.

TEXTO DA MEMÓRIA

«Na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Viana, Termo de Prado do qual é Senhor Donatário o Ilustríssimo e Excelentíssimo Marquês das Minas, abrange dezoito freguesias e dous coutos, Azevedo e Manhente. No Vale de Tamel está situada a freguesia de Santa Maria de Galegos e no coração daquela a Igreja Matriz que é seu Orago a Senhora da Encarnação e tem três altares, um é o mor onde está colocado o Santíssimo e na parte do Evangelho está a Senhora da Encarnação e na parte da Epístola o senhor São José. Tem um colateral com o título de Senhora do Rosário da parte do Evangelho e outro da parte da Epístola com o título de S. Sebastião. Tem duas confrarias, uma do Santíssimo e outra da Senhora do Rosário. No centro da freguesia está a Igreja paroquial com includência de onze lugares com as titulações seguintes: São João, da Igreja, Pena, Casa Nova, Souto de Oleiros, Portela, Casal do Monte, Outeiro, Fraião, Souto, Aldeia, Trás da Fonte, Revaldos, que bem contados fazem o número treze. É padroeiro in solidum desta Abadia Pedro Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá, e actual Senhor da Ilustre Casa de Azevedo, e dos Coutos de Azevedo, Paradela e Rates. Tem de rendimento este benefício dois mil cruzados. Tem uma capela contígua à Igreja Matriz com o título de São João Baptista a qual é administrada pelos devotos da freguesia e ornada. Tem capela de Santo Amaro com pouca distância da Matriz que é do Abade desta freguesia, que no dia quinze de Janeiro com munta gente, com várias esmolas para o Santo e para a sistência de sua festa. Os frutos desta freguesia no que mais abunda é o milho alvo e senteio, dos mais tem suficiência. Não tem juiz ordinário nem Câmara por ser esta freguesia sujeita às justiças da Vila de Prado como referi ao princípio. Serve-se do correio da Vila de Barcelos que dista meia légua, e da cidade de Braga duas e de Lisboa sessenta. Tem cinco fontes subterrâneas e algumas de água excelente. Atravessa esta freguesia da parte do Norte a dilatada serra de Oliveira, estende um braço té o reino de Galiza outro da parte do Sul de té São

Tiago de Vila Seca aproximando-se junto ao mar do castelo de Esposende. Terá de comprimento té o reino de Galiza doze léguas, de largura em partes meia légua, em partes mais de duas pouco mais ou menos. Para a parte de Esposende fará extensão de três léguas. Traz casa de perdizes, levres, e coelhos, na parte que avezinha com esta freguesia. Tem sobreiros, castanheiros, carvalhos, nas fraldas pinheiros. Tem uma capela de S. Lourenço no ápice desta Serra que se festeja a dez de Agosto à qual concorre alguma gente de romaria. O temperamento é seco e quente. Pouca distância da capela mencionada estão pedaços de parede de altura de uma vara, em partes menos. O número das pessoas desta freguesia são duzentas e vinte e uma salvo erro. As paredes referidas são demonstrativo de que em outro tempo esteve na serra acima declarada Vila, ou castelo de Mouros porque consultadas as Crónicas do nosso Portugal se achava assaz povoado deles se o invicto Rei, e sempre Augusto D. Afonso Henriques, subsidiado da mão Divina os não desbaratasse fazendo-lhe porfiada guerra.

Consertada comigo por ser vizinho imediato.

O Abade de S. Veríssimo,
Domingos Gomes de Araújo.

O Abade de Santa Maria de Galegos e sua Anexa de Salvador de Quirás,
Baltasar Ferreira da Silva.»

Notas: a Sintaxe sangra; latinismos (includência, etc.); ia a Viana e a Prado; correio (Correyo), o de Barcelos; Minas (Gerais): ver *A Vila de Prado*, citada; Matriz (a da pia baptismal); Orago ou Padroeira como dizia o Pinho Leal (copiou); *mor*: mas no dos Passos há sinal do Sacrário (lateral, heresia dos jansenistas); *senhor Sam José* (Joseph); só 2 confrarias? *Revaldos* (ver Dr. Teotónio); padroeiro (o abade veio a Lisboa?); dele dependia o abade (ver Ilustríssimo...). Paradela (é barragem no Cávado). *Cruzados*, 2000; contígua... mas Santo Amaro, pouca distância...; Santo Amaro já era do abade (a renda); *munta* (pronúncia que ainda corre); 15 de Janeiro (as Ladainhas, clamores); milho *alvo*; senteyo (por centeio); Câmera; villa; *legoa*; braso por braço, como *casa* por caça e asas por assaz; té (pronúncia que corria em 1258); reino de Galiza — há que séculos ela não era reino! «*mais de duas pouco mais ou menos*»! tras por traz; o monte dava *castanhas*; bons tempos! Não refere as ruínas do *Facho*; *temperamento*=clima; vara=1,10 metros; 221 pessoas, ou fogos? Só adultos? Mouros — tudo era de Mouros! *Nosso Portugal* (mirem-se nisto!); Mão divina: auxílio, *subsídio*. Este acreditava que Deus guia a História. Parece-se com o ex-pároco da Lixa, padre Oliveira, e outros! Ver o exagero «levres» por medo de lebres.

Sobre este período temos a informar-nos: as Visitações, o Livro de Defuntos e o dos Testamentos, donde se arrancam nomes de párocos e curas, prazos, doações, percentagem de mortalidade infantil, expostos, apelidos e nomes usados, etc. *Por partes:*

1 — *Óbitos anuais*: média de 12 por ano entre 1772 e 1878 (107 anos, 1193 mortos). Destes 12, eram enjeitados 4 ou seja 1/3 ou 33 %, percentagem enorme.

2 — *Nomes usados*: João, Simeão, Fabião, Geraldo, Bernardino, Feliciano e Domingos são os mais frequentes. São bíblicos uns, romanos outros e até apareceu (vá lá!) o do arcebispo de Braga, vindo da França, S. *Geraldo*. Não tardarão, como no Brasil, a aparecer os de Marx, Lenine, etc.

3 — *Apelidos mais frequentes*: Gomes, Gonçalves, Álvares, Pereira, Coelho, Silva. Cada pessoa só 2 nomes: João Álvares, Andreza Coelho. Elas: Maria, mulher de; menores: faleceu João, filho de André Gonçalves (era o suficiente). Também alcunhas: faleceu Maria, vulgo, a Lomba, a Pata, etc. Macedo vem de *Mazaedo*, lugar de macieiras. Ver Inquirições na Ucha.

3 — *Detentores de Terras de foro* (prazos): *Francisco* Martins e mulher, Ana da Silva; *João* da S. Galho (lugar de S. João) — prazo da igreja de *Roriz* que deixa a seu filho Manuel; *Custódio* Francisco — tem um prazo de Braga (não é de Braga, mas da igreja de Galegos e detém-no como enfiteuta um António Ribeiro de Carvalho, este sim, de Braga; O Custódio tinha terras em Adães (um morgadio feminino, coisa rara). Padre *Pena*: dono de prazos sendo senhorios Vilar e Adães; deixou-os a uma irmã; fez a casa torre junto da que é hoje do Sr. M. José Alves; *Manuel* G. Galho (filho do de cima?): tem prazos da Igreja que são: Casas e Eirado em S. João, Leira no Campo da Vinha e Pradinho da Pedreira; *Bárbara* Maciel (lugar de S. João) diz só: «prazos e terras de Capelas e Senhorios»; *Ana* Maria dos Santos: prazo que paga foro ao Cabido da Sé de Braga.

4 — *Ordem* do rei, de 1773: que os Estatutos das Confrarias sejam vistos e aprovados (ou não) pelos Corregedores. Lá foram os do Santíssimo ao Corregedor em Viana, que aprovou.

5 — Aparecem as primeiras referências de sujeitos de Galegos emigrados na América (E. U. A.) e *Brasil*.

6 — *Casal do Monte* — 1766: (é casal foreiro a Vilar), cultivava-o António Martins (deve ser a casa e terras que foram do Frada). O Martins mandou por sua alma «o uso e costume»: eram 3 ofícios de 10 padres cada um.

7 — Porque seria que o beneficiado João *Pinto da Silva*, natural de Braga, vivia em Galegos em 1766? Não era pároco.

8 — *Reforma da igreja* (forma actual): iniciou-se em 1766 e terminou por 1773. Deve-se ao pulso forte do Visitador *Xavier Rebelo* (forte contra o abade reservatório Bento Azevedo Ataíde): acusa-o de o querer enganar com requerimentos; manda (1763) ao cura fazer sequestro (reter em mão) as rendas do abade Bento. O abade (ou só cura?) Baltasar chama agora «igreja nova» à reformada, parece. Em 1773, tinham-se gasto, além do mais, 100 mil réis emprestados pelo procurador das obras e precisava-se de mais 200 mil. Disse o visitador Pinheiro Leite: — nas Endoenças, a C. do Santíssimo poupou mais de 400 mil, em 7 anos que as não fez. Entre ela para a Igreja com 100 mil e a do Rosário com 50 mil (ver «A V. do Minho» de 10/3/73).

9 — *Altars* mais disputados para missas (alguma ignorância nessa disputa): Barcelos (S.^a da Graça); Sé de Braga (S. Pedro de Rates — que a História não abona); Galegos (altar do «Sacramento»); Areias (S. André); S. Martinho (S.^a da Conceição). Ver «A Voz do Minho» de 27/1/73.

10 — *Morreu* Teresa Domingues: confessa (Deus lhe perdoe) ter do Padre Manuel Gonçalves, de Roriz, uma filha, a única, e pede ao rei e ao Santo Padre Clemente XIII (papa desde 1758-1769) que a declarem *legitimada* — para poder herdar da mãe («A Voz do Minho» de 19/8/72).

DE 1775 A 1820 (REVOLUÇÃO DOS LIBERAIS)

Ainda em 1770 o rei de França escrevia que a lei vinha só dele. 19 anos depois deu-se a Revolução Francesa (1789) que demonstrou ter Luís XVI (o de 1770) cuspidado para o ar: pregou-se nela a Liberdade (contra o rei ditador, absoluto), a Igualdade (abaixo os nobres) e a Fraternidade. Se fosse só isso!... Vinham de trás um Materialismo semelhante ao dos Marxistas; um Deísmo (contra dogmas, Papa; só Deus, sem Trindade); um Racionalismo (o que eu não percebo não existe — logo Deus uno e trino é impossível!). Tinham falado Voltaire, ímpio e hipócrita, mas adorado, Rousseau e outros: o livre pensamento, o livre exame da Bíblia. Nos Livro das Visitações há furibundas Circulares contra a «satânica» Revolução de 1789. O Rei de França e a mulher foram mortos; criou-se a guilhotina para descabeçar adversários políticos; em Portugal acabaram os morgadios; Napoleão mandou ocupar Portugal, e ocupou; Rei e Governo retiraram-se para o Brasil; muita gente se fez «maçon» e anti-cristã; milhares dos nossos morreram às mãos dos franceses (ver descrições no Couseiro de Leiria); o nosso exército não fez lá grande coisa, quem mandava cá era o Inglês (Beresford e outros) e mudou-se a Constituição...

Se não fora o orgulho e egoísmo de uns quantos, as alterações podiam-se ter operado sem estragos. *Em Galegos*:

1 — Reforma dos Estatutos do Santíssimo em 1805: ninguém pagava as dívidas. Só agora eles foram aprovados por Braga, com opposição («A Voz do Minho» de 5/1/74).

2 — O abade de Galegos, *Pereira da Costa*, fez-se sepultar como frade no Convento de S. Francisco em Barcelos (igreja do hospital), em 1808 («A Voz do Minho» de 31/3/73).

3 — Roriz, Quirás, Perelhal sofreram com os franceses; Galegos não parece, salvo alguns soldados: *Manuel* João — filho de Maria, solteira, José Luís Maciel e José Joaquim, soldados de linha e ainda Manuel Álvares, Leonardo J. Maciel e Agostinho Bispa, soldados «melicianos», mortos em 1811, sendo um em Coimbra e outro em Penela («A Voz do Minho», de 27/1/73).

4 — Morre em Galegos — 1782 — um Padre Silva Vieira, de Aldeia («A Voz do Minho», de 19/8/72).

5 — As pessoas eram sepultadas no Adro — ainda há pouco havia disso vestígios — em «um lansol»; passaram depois a ser sepultadas com hábitos de S. Francisco e de St.^a Teresa.

Mancelos em Resenha, pg. 82, dá algumas notícias sobre as invasões dos franceses na então Terra de Barcelos.

Ano de 1811: ordem do arcebispo, D. José Torres, que os párocos não mais recusem à tropa os Livros de Baptismos para serem *selados*. Pretexto! Precisavam de recrutar gente para a guerra. Em 1825 exigiu-se aos menores de 25 anos licença por escrito, dos pais, para casamento (Visitas, II, 60).

Ano de 1814: chegou aviso real, através do arcebispo: que os mancebos maiores de 22 anos já podem casar (tinham proibido casamentos, por causa da guerra... antes dos 25: daí tanto ilegítimo, Rodas, etc., por abuso do poder da parte do Governo, não travado pelo arcebispo).

Ano de 1818: proíbe-se aos padres oficiarem de «meias brancas», de tamancos ou em chinelas. Miudinhos.

Visita de 1794: refere-se que o sino não se ouve em todos os lugares da freguesia. Aconselha-se a torre nova já que o abade oferece para ela 50 mil reis. Por 1808, o abade oferecia 80 mil. Os visitantes insistem. O abade era *Pereira da Costa*, que fez a adega paroquial e outras obras de vulto. O actual sino grande é enorme. Modelo: o de Vilar.— Após a tomada do poder pelos Liberais, o Livro das Visitas é inundado de circulares do Governo: não admitam os frades a officiar; não admitam partidários de D. Miguel, etc. Frades houve que se arrogaram poderes dos bispos.

GALEGOS DE 1821 A 1900

Este é um dos períodos de maiores alterações na sociedade portuguesa. Alterações em todos os campos: enormes no campo da política, profundas na vida cristã, na vida económica (estradas, comboios, etc.), numa palavra, velocidade de vida cada vez maior. As ordens religiosas voaram de cá em 1834 e os vampiros sugaram-lhes os bens — *para os perderem após Abril de 1974* (que Deus escreve direito por linhas tortas). Esses bens, doados pelo povo, se o Governo não os queria nos frades, deveriam regressar ao povo. Mas só ao marechal Saldanha deram-se 100 contos deles! *Em Galegos* tivemos:

1 — Ensinou a ler e escrever o celebrado *Mestre da Quinta* da casa do falecido Anselmo de Vasconcelos. Tinha um método muito típico — antes, quase, de se falar em Pedagogia — que incluía, como era moda do século, a «menina de 5 olhos». Falado o seu código disciplinar e penal: para quem andou à pedrada, se ferimentos houve mas sem sangue, 12 palmatoadas, por exemplo. Isto era relatado pelo Sr. João Gonçalves de Sousa («A Voz do Minho» de 25/8/73). Há um testamento de 1854 de um Joaquim José de Vasconcelos que refere um tio vigário (pároco).

2 — *A Torre* — deve ter sido feita por 1850. O falecido Eduardo Penicho, que morava em frente da igreja e teve 2 filhas casadas para fora (uma pelo menos, Perelhal) relatava que ainda ouvira falar da construção da torre: fez-se com pedra vinda da Pena Grande.

3 — *Guerras*: minha avó materna, falecida em 1961 com 85 anos, falava de tempos em que os habitantes de Galegos, ou alguns, se escondiam em minas e nas matas para onde retiravam gados e haveres. Referia também que, menina, estivera ao colo de seu padrinho de baptismo, pároco de *Alheira* aonde com os pais o ia visitar. Ela era da família dos Salgados (Souto), irmã de Francisco J. de Almeida e de Ana, mulher do Anselmo atrás referido. Minha irmã Ana foi a *Alheira* a meu pedido, mas escreveu-me que nada soube do tal padre Coelho, padrinho de minha avó.

4 — Até 1855, Galegos pertenceu à Terra de Prado — não à de Neiva nem à de Barcelos. Já o vimos a respeito de Galegos «A Terra e Seu Nome» e na Memória Paroquial. Essa alteração nos limites dos concelhos foi inteligente e travou queixas como as referidas por Benjamim Salgado em Vila Nova Entre Dois Forais — de que escrevi em («A Voz do Minho» de 21/2/76 e 5/6/76). Eclesiasticamente, o novo concelho de Barcelos passou a distrito. Em Galegos passaram a numerar as portas: n.º 27, n.º 50, etc. (ver «A Voz do Minho» de 21/4/73).

5 — Ofícios (2) de 30 padres: isso aconteceu à morte de Maria Rosa da Costa Pinto em 1832, mulher de Custódio Luís Alves (Portela)

e por morte do Custódio em 1836. Eram os pais de um nosso contemporâneo, Padre João Luís («A Voz do Minho», de 21/4/73 e 27/1/73).

6 — *Azevedos*: houve naturais de Galegos, com este apelido, entre 1821-1900. Talvez donos de terras (nos Cangados?) cujos marcos têm AZ, encontrados pelo Sr. Ângela (é de Fornelos).

7 — *Quirás*: recebeu do abade de Galegos (e dela), por morte dele, 50 mil reis e Galegos, 100 mil. Era João de Macedo e faleceu em 1831 («A Voz do Minho», de 22/7/72). Desde 1841, Quirás foi anexada a Roriz. O abade J. Macedo mandou por sua alma 1000 missas!

8 — *Penelas*: era deste lugar o Padre Ferreira falecido em 1871. Em Portela morreu em 1859, com Ordens menores, Domingos Alves de Macedo — sepultado na igreja junto à lâmpara («A Voz do Minho» de 19/8/72).

9 — Dr. Macedo (Francisco de): faleceu aqui, em 1833, o filho dele e de D. Antónia sua mulher, chamado Francisco Filipe. Por Filipe, suspeito que era liberal fugido da guerra no Porto. Recordar absolutistas (miguelistas) e liberais. Desconheço a profissão deste doutor, o único que lá aparece: ainda não pude ver as matrículas de Coimbra. Esta Antónia é a única que se vê tratada por Dona.

10 — Em 1874 publicou Pinho Leal seu Portugal Antigo e Moderno (12 volumes). Dá a Galegos a renda paroquial de 800 mil reis (S. Martinho, 100 mil, 1/8 de Galegos).

Ano de 1824: o Visitador proíbe «os ajuntamentos nocturnos de mulheres e homens, estes mascarados, com rébecas e violas, com o título de *fiadas*».

Ano de 1841: Lima Miranda era prior colado na Matriz de Barcelos e Juiz dos casamentos. Os escrivães da Câmara Eclesiástica de Braga queixam-se ao arcebispo de que os arciprestes passavam abusivamente licenças para casamentos. (Livro de Visitas, II, 73).

Ano de 1872: proibidas as procissões com S. Sebastião à volta das freguesias por causa dos escândalos verificados. A festa em honra de S. Sebastião foi ordenada pelo rei D. Sebastião e a de S. José pelo rei D. José. Abusos! (Vis. II, 74). Sobre estes e outros Santos pode ver Huizinga — Declínio da Idade Média.

GALEGOS DESDE 1900

António Silvestre (Alves Pereira): biografia escrita por seu filho Joaquim aos 10/3/72:

«entalhador, falecido em 1909, era natural da freguesia de Galegos (Aldeia). Tinha... obras tratadas por ele, em especial altares, púlpitos, arcos cruzeiros para igrejas assim como caixas para relógios (de) estilo antigo...

Também executava bancas, jarras, castiçais, cruzeiros com Cristo para igrejas; ainda tenho... um oratório — pavilhão em talha feito

por ele, como também dois bustos que era para ser um S. João e um S. Sebastião.

...lembro-me de alguns artistas que trabalhavam na carpintaria: Joaquim José Alves, António Gonçalves Anjo, Manuel Alves Dias, António Augusto Pereira, José Lopes, um Salgado de S. Veríssimo e outro chamado Zacarias, das Necessidades (Barqueiros).

Obras em igrejas: Silveiros, Balazar, Alvelos, Forjães, etc. O arco cruzeiro de Galegos foi feito por ele: tem a data de 1903.

Diziam que o Sagrado Coração de Jesus (de Galegos) foi feito pelo meu Avô, António Alves Pereira (ou das Almas) e Luís Alves Pereira (ou das Almas) e que o Sagrado Coração de Maria esse foi feito pelo meu pai, António Silvestre.

Há 1 ano ofereci a um membro da Junta de Forjães uma cópia de um contrato feito em 1905, de 3 altares para a igreja de Forjães, por 250 mil reis cada altar...

Também fez 1 altar para a capela de Santa Marinha (S. Martinho), mas não chegou a colocar porque faleceu o Silvestre e o Campos.

Também me informaram que os 2 nichos... ao lado do arco cruzeiro do Senhor da Cruz de Barcelos foram feitos pelo meu pai.

...minha mãe tinha 2 medalhas de prata e 1 de cobre adquiridas numa exposição, de prémio, de 1900 a 1906 em Famalicão, como também um relógio de sala, oferta da Boa Reguladora ...tanto me consumiram que dispus do relógio, com a data de 1900, em troca de 1 relógio carrilhão...

Existem ainda cá na freguesia 2 portais em talha feitos pelo meu Avô e Luís das Almas, na casa do falecido *Marcelino* José Pereira (Aldeia)».

Nota: alterei aqui e além a pontuação e grafia.

Diz-se que foi o abade d'Outeiro quem acabou de formar o filho deste António Silvestre, de nome João Alves Pereira — que se ordenou e foi Encomendado em Galegos. Como padre, um desastre (João das Moças, que muito fez sofrer a mãe — Rosalina).

E para não alongar, um rápido Sumário do séc. XX:

1 — *Matança do porco*: famoso o matador falecido, Augusto Teixeira (C. do Monte) porque espetou o facalhão no pescoço de um bicho, mas de tal sorte que ele fugiu e corria pela horta de faca espetada.

2 — Famoso aquele santo frade de Vilar a quem Deus abençoava o que comia e por isso era gordíssimo: indo de um enterro em Galegos, os companheiros, mais novos, adiantaram-se-lhe para terem tempo de comer antes dele, senão... Só que, para atravessar o Cávado, não teve o santo de esperar pelo barco como os outros esperavam. Puxou da capa, que estendeu sobre as águas e alô, para a outra banda. Os outros, ao verem aquilo... foram pedir-lhe perdão.

3 — *Vinho da adega de Vilar* — que era famoso e se fazia assim:

matavam-se e esfolavam-se uns carneiros ou cabritos e punha-se um em cada cuba. A seguir vinho em cima. O vinho ficava!... Tirado o vinho, só lá se viam ossinhos, que a carne tinha-a comido o vinho.

4 — *Estrada Aldeia* — Portela (paralelepípedo): obra de uma Junta de que fez parte o Anselmo. Data aí de 1940 o troço Portela-Santo Amaro.

5 — *Salão Paroquial* — obra, não se sabe bem como, do falecido Domingos G. Salgueiro (da Pena).

6 — *Reborido* — Reboredo — de Roburetum (Carvalhal — lugar de «Carvalheiras»).

7 — *Trás da Fonte*: era do Couto de Manhente. Era lá uma Vila Dóniga (de Dona Ónega — nome visigodo que aparece no Liber Fidei — livro de provas — da Sé).

8 — Sobre o *barro de Manhente* (porque é que há) e as areias e os calhaus rolados, pode ver *Geografia de Portugal* de Amorim Girão. Uma aluna de Coimbra defendeu tese de Geográficas sobre o rio Cávado há uns 15-18 anos. Cópia no arquivo da Faculdade de Letras. É a Dr.^a Antónia Pereira Barbosa.

9 — *Louça grossa* (alguidares, etc.): fabricava-se aqui muita. Ia para a Póvoa, Vila do Conde, Esposende, etc., em carros de bois.

10 — *O Pereira de Galegos* — avô do tio Marcelino referido na biografia do Silvestre, foi a Esposende e no regresso, em Gemeses (pinhal) foi assaltado por dois: «bota cá o que levas». Espetou o chuço no «carrulo» de um e o outro fugiu. Guardou-se na casa de um «patrãozinho» por ter boi doente... Veio uma «récula» deles (forquilha, forcados). — Não vai longe! Matamo-lo. Dali a horas: onde é que ele se terá metido? O Pereira não voltou mais a Esposende. É peta?

11 — *O rendeiro Manuel* — conheceu nos «carretos» uma cachopa. Rica. Começou a namorá-la: que era riquíssimo, mas gostava de viajar em carretos. Os velhotes e ela vieram a Galegos ver. Gostaram: era rico. Casaram. Um dia estava a recém-casada a retirar de um espigueiro umas espigas quando aparece um senhor e pergunta se é a mulher do Manuel. Que sim. — E não lhe disse que essas espigas são minhas, do senhorio? Ela ficou sem sangue, mas... já tinha casado. Aquele Manuel!...

12 — *Figurado*: loiça ligeira, bonecos, feitos à mão, vidrados, pintura antiga. O Estrugido, vindo de fora casar com a da Pena (era músico), inventou e aplicou tinta. A profissão era pobre (forriqueiros) com que o lavrador não deixava misturar filho nem filha. Aquilo mudou e a barreira acabou. O oleiro tem menor religiosidade e sentido de poupança que os da agricultura. Porque será?

13 — *Padre Vilela* — vindo de Alheira, natural do Pico, onde uma sobrinha e herdeira, Adozinda, casou. Correu que, por traição do Domingos da Pena, conseguiu entrar em Galegos contra a vontade

dos Fregueses. Vi o banzé, a maior das vergonhas de uma massa em tumulto. Aguentou-se a mal. Impressiona perguntar que era do sentir religioso desta gente, apesar de justamente revoltada. A coisa foi amainando, mas sem a adesão de uma «Bina» d'Aldeia e outras, de antes quebrar que torcer. Não saía. Passados uns 6 anos — por 1951 — ao vir com a Adozinda do Pico, foi à noite assaltado em Novais sem lhe valer sequer a pistola. Este o relato que correu. Dali a dias, estava por ordem do arcebispo, de saída. Correu que o campeão do assalto fora o ex-seminarista arquidiocesano, *Ubaldo*, que depois terá sido morto por terroristas em Angola. Nunca daquilo de Novais correu, que se saiba, processo. Mancharam o nome de Galegos.

14 — *Santa Cruz* (bouças de) — Porquê este nome? São João — é o Baptista, não o Evangelista: foi o drama o que o povo fixou, não as Escrituras.

15 — *Cruzeiro de S. João*: tem a águia alemã, dos Azevedos, voltada a nascente. Há foto dele em *Barcelos — Revista*, n.º 22, pg. 7 (aí de 1915). Uma grande revista que Barcelos teve. Os de Azevedo subiram a condos no século XIX (ver Monção e seu Alfoz, 152 — de Garção Gomes). A esposa do falecido Augusto de Castro (ainda viva) é dos Azevedos.

16 — *Souto*: o nome denota ter havido ali castanheiros, maninhos ou não (ver que os havia na serra — Memória). Dantes Galegos era um pomar; fazia-se, até, *vinho de maçã*. Tudo foi abatido para dar lugar às ramadas. Xavier Fernandes — Topónimos, II, 365/6 — manda relacionar Souto, Sales e Sá. — *Valdomir*: houve um rei suevo chamado Miro. Ver *Mire* em Tibães (até, Mire de).

17 — *O tio Ventura* — (Boaventura de Oliveira, de Casal do Monte — repare em *casal* — dito da «Calistra» por Calisto). Dizia-lhe o cunhado e compadre folgazão, de Trás da Fonte, M. Lourenço: — Ó compadre, haverá porventura algum homem chamado Boaventura? — Olhe que não sei, compadre! — E riam, riam...

18 — *Enterros*: a morte de irmão do Senhor anuncia-se no «sino grande»; a dos outros, no meão. 3 badaladas, eles; elas, duas. Para anjinhos repica — que tem sua arte: nem qualquer labrego repica a preceito.

Quem vem ao enterro dá o nome ao Rol.

Quem vinha de longe tinha pão e vinho (muito justo, pequeno almoço). Havendo muitos herdeiros, almoçavam em casa do morto, enterrado ele. Um que vi: o enterro de Francisco José de Almeida, tio-avô do Autor. Mas com ramo de mão em mão e de pé, todos rezaram, antes de se sentarem, 1 Padre Nosso pelo falecido. Aquilo era solene.

19 — *Pedidas* (pelo S. Miguel): os mordomos das Confrarias, para

as confrarias. As Terças-feiras: juntavam-se em Galegos, de porta em porta, muitas dezenas de pedintes aí por 1940 (sobretudo de S. Veríssimo). Isso acabou.

20 — *Dantes*: (só dantes...) bruxas vestidas de branco dançavam e cantavam por cima do carro de louça que ia para Esposende, etc. Ai de quem as enxotasse. Pagava-as pelas mãos delas. Senão, não faziam mal. Ainda vão a Famalicão e Ermesinde... Ou a Vila Pouca (há muitos anos). Corria que uma *Pataca* conhecia segredos desses. Diz-se que havia ali moço que tinha um cavalo em que ia namorar uma ali perto. Ela deu-lhe um bolo, mas ele não quis comer (teve medo) e chegado a casa deu-o ao cavalo. Nos dias seguintes era o cavalo que, *apaixonado* (salvo seja), logo que solto ia a correr relinchar à porta da namorada. — E o outro que para não ter muitos filhos foi casar com uma de duas irmãs (só duas, logo não parideiras) e casado, ela lhe pariu doze (12)?! — E se ela lhe custasse tanto a conquistar como a um falecido Zé São Bento (um que de costas no chão tombava, sozinho, carralhão de mato) custou namorar uma em Roriz! No 1.º Domingo, ela viu seu Zé ser corrido pelos de Roriz. No seguinte, São Bento e mais 2 ou 3 valentes põem de molho as costelas dos de lá. E... ela ficou para os de lá. Elas, até casarem, namoravam 4 em cada Domingo!... Nas Beiras começou um rapaz de Matemáticas a ir namorar pequena lá numa aldeia. Os de fora tinham de pagar imposto: no 1.º dia, pão e vinho a todos e com fartura. Ele não o fez e ouviu que só não foi enxertado porque lá se dizia que era o doutor. Senão...

21 — *Roda* — Desanda a Roda (letra, música e dança). Quase esquecida e do pouco que havia. *Reis* (Melúrio) e Dança deles. («A Voz do Minho» de 11/10/75). Aí também: quinta do Cónego, Padre Moutinho, Ângela, Professora D. Rosa (esta também no jornal «Notícias de Famalicão», de 22/10/71), João Salgueiro, Padre Abel, Senhora das Dores, Aleluia.

22 — *A Queima do Judas* — fabricado pelo Robalo (Calisto), fogueteiro de Roriz. Por falar em Roriz: foi meu professor na 4.ª, sem matrícula, o falecido Prof. *José Pias Alvarenga de Miranda*, se bem recordo o nome. Professor só 2 ou 3 meses. Que Deus o tenha em glória.

23 — *Devesa* (hoje Lamela): terreno de mato que, enxugado seria bom campo, onde dantes se aprendia de noite a «jogar o pau» e onde, sem dar cavaco, e irritado, se intrometia o abade Moutinho, bom jogador, que punha logo as costelas de todos a arder. Da chegada dele até saírem, um a um, era um «ápice». Ainda do Moutinho: deixou nome: com o Galho comprava cortiça e para não abater peso, regavam-na; deu massa aos pedreiros que faziam a torre de S. Veríssimo quando aí abade; sabia obter luz eléctrica a partir da água do rio (no Pires); sabia de remédios; a um só casal — que se desavinha

— casou-os 3 vezes!!! Até que lá sossegaram. Fez escavações no Facho à procura, com uns de Galegos, de «porrões de ouro».

Ainda da Devesa: era terra da igreja que o Governo vendeu (expropriou). Comprou-a um de S. Martinho (Quitéria). Todos os compradores se convenceram — com razão ou sem ela — de que eram por Deus castigados: 1 teve filha manquinha; outro ia-o matando o arado, etc. Sossegaram após a Concordata com a Santa Sé (1940).

Pedreira — Vista atrás. Um homem deste apelido, de Penelas, foi para os E. U. A., para onde anos depois levou mulher e filha (aí por 1946). Nunca mais voltaram, ao contrário do que fez o «Faio». Decerto esquecem a Terra! Idem, aspas, com Domingos Alves, Joaquim Alves, Augusto, Manuel e Joaquim Maciel e tantos outros que emigraram. O «Vilaverdense» traz sempre página de notícias do Brasil.

24 — Os de Lijó chamam-nos «os da Galiza» e nós a eles «os do Inferno». Desde quando estas rivalidades? Reparar que Lijó não era da «área» da Confraria do Santíssimo.

25 — *Estremas com S. Martinho:* o Padre Filipe Montenegro quis levar para lá alguns fregueses de Galegos (alterava-se a estrema). Deve ser muito antiga. Deverá mudar-se? Mas o freguês de lá paga o dobro do de cá! Quando acabará esta injustiça?

26 — Ao «almoço», jantar e ceia — sempre feijão «miúdo». Foi o que sucedeu ao velho Marcelino. Foram de madrugada lavrar um campo (vessada). Pelas 9 horas, a mãe foi levar-lhes o almoço que era sopa de feijão frade e... o Marcelino não quis «caldo» e o pai disse que sem caldo, mais nada comeria. Aceitou. Idem ao jantar (13 horas) porque o pai mandou fazer a mesma sopa. A fome agora... Mas não comeu e resistiu. À noite, chegado a casa, perguntou à mãe: — que tem que se coma? — Sopa de feijão como o pai mandou!

— Venha, disse ele. Comeu 2 malgas. E nunca mais não gostei, dizia o Marcelino já velho!

Nota: nas Vessadas, «bacalhéu» de dois dedos, assado, a nadar em azeite do «bô».

27 — *O abade José J. d'Outeiro* à homilia: «a carapuça vai pela igreja abaixo: a quem servir, enterre-a até às orelhas!»! Havia quadro com foto dele na sacristia «de cima».

28 — *Ronda:* à solteira ou viúva incontinente. Eram de ver. Aticadas pelas mulheres. Nem os da G. N. R. se lá metiam (ou desistiram). Que cada terra tem seu uso.

29 — Os gavetões da Sacristia de Cima, a parede sul do Olival, a tribuna do altar-mor, a adega, a cozinha paroquial, é tudo obra do Padre Acácio (Domingos Acácio Pereira da Costa).

30 — Foi uma tragédia devida a imprudentes vaidades a morte do Eduardo Calisto. Outra foi a que prendeu atenções aí por 1920 com um Bicheza a matar seu irmão dormindo. Horas loucas! A coisa foi

grave, mas o castigo parece terá sido em excesso. O «Barcelense» (jornal) falou no caso ao de leve.

31 — *Visitas pastorais*: houve uma, muito bem organizada por 1927, tempo do abade Fernandes, relatada no «Barcelense». Outra, pelo menos, aí por 1943. Das visitas não há na igreja um sinal!

RELIGIOSOS E RELIGIOSAS

No século XX (antes desconheço) houve alguns: *Padre Domingos*, do Espírito Santo, sobrinho do D. Rocha, que o educou. Padre José Martins Salgueiro, filho do D. Rocha e da mesma congregação. *Padre Evaristo* de Vasconcelos, ligado a gente de cá. *Luísa* — Irmã Vicentina, filha de João Valada (G. de Sousa) e da S.^a Laurinda, falecidos em Mirandela. Ela estava em Umtali, Rodésia. *Vina* (do São Bento); *São* (do Pires) e outras mais novas.

LICENCIADOS

Padre dr. Francisco G. Oliveira (d'Aldeia), Espírito Santo; Dr. Manuel Martins Salgueiro — Direito, advogado; Dr. Francisco A. de Almeida — Direito, Juiz; Eng.^o Marcelino G. Anjo e outros.

Professores: José de Almeida Alves — Famalicão (Delegado); Prof. Coelho; Prof.^a Beatriz Silva (Ângela); Prof.^a Ana Almeida Alves (tem o Curso de Agente Familiar Rural que exerceu perto de Lisboa).

E outros destacados filhos de Galegos como o era o falecido Zé d'Aldeia, comerciante em Lisboa.

ALGUNS PÁROCOS QUE O FORAM EM GALEGOS

- A — Martinho Godiiz — abade em 1220.
- B — Estêvão Joanes — capelão — 1258.
- C — Miguel I — de Azevedo — por 1515.
- D — Miguel II — de Azevedo — por 1565.
- E — Francisco Vaz de Figueiredo, entre 1565 e 1663.
- F — Francisco de *Maçedo*, entre 1663-1681.
- G — Francisco de Macedo — cura do anterior (1687-90).
- H — Manuel de Azevedo — 1691-97.
- I — Francisco de Macedo — 1726.
- J — Manuel Roiz — encomendado — ...1729.
- L — Bento de Sousa de Azevedo e Cunha — até 1745 (é referido por Rios Novais em *Divino Salvador do Campo*, 56: «Jacinto... nascido em 1743, sendo baptizado por Bento de Sousa, abade de Santa Maria de Galegos»).

Coadjutor: João Luís de Oliveira.

Cura: Francisco Gonçalves — em 1735. ,

Cura: Manuel Gonçalves de Oliveira, em 1740.

M — Bento de Sousa Azevedo e Ataíde — desde 1745.

Coadjutor: João da Silva Coelho — consta em 1758 na Memória Paroquial de S. Martinho como reitor de Manhente.

N — Francisco Antas da Cunha. Encomendado (até aqui, ver «A Voz do Minho» de 12/2/72).

O — Baltasar Ferreira da Silva — o da Memória — até 1783.

P — Gabriel Sousa da Costa — Encomendado.

Q — *Domingos Acácio Pereira da Costa*, 1783-1808.

R — Manuel José Francisco — Encomendado, ainda em 1811.

S — João de Macedo — até 1831.

T — João Gonçalves, Encomendado.

U — António José de Macedo — até 1834.

V — Francisco Joaquim da Costa — até 1840.

X — António José de Macedo, até 1878 (pelo menos). Deve ser um que o povo diz enterrado em Galegos (na igreja e trasladado ao cemitério após 1891) e pai da Maria Rosa que foi mulher de Joaquim José Alves — lugar da Pena.

Z — José Joaquim d'Outeiro (Padre Margaça, por de Melgaço) — aí até 1910.

Coadjutor: António, seu irmão.

AA — João Alves Pereira — Encomendado (o da Rosalina).

AB — António José Fernandes — aí até 1930.

AC — Abade Moutinho («padre Moutinho»).

AD — António Gomes da Costa — até cerca de 1944.

— Padre Filipe Montenegro (de S. Martinho).

AE — Manuel Vilela da Mota Barbosa — aí até 1951.

— Padre Peixoto — abade de S. Veríssimo — encomendado. (castigo: por agressão ao abade Vilela, anos sem pároco).

AF — Abel Gomes da Costa — aí até 1958.

AG — Celestino da Costa Mendes — até 1975.

FILHOS DE GALEGOS (mais antigos)

A — Dr. Francisco Luís de Macedo — por 1833.

B — Domingos Alves de Macedo — morreu novo — 1859.

C — Francisco Ferreira, de Penelas, filho de José Ferreira e Teresa Maria. Falecido em Galegos, 1871; sepultado junto à cadeia paroquial (era do lado esquerdo do Arco Cruzeiro). Padre.

D — Francisco Lopes da Pena (padre). Elaborou muitos testamentos. Onde morreu não se sabe. Séc. XVIII.

- E — Custódio Lopes Carmona (padre). Sobrinho de Ana S.^a Correia e marido, Francisco D. Cavaleiro. Herdeiro da Ana. Século XVIII.
- F — João Luís Alves de Macedo (padre) dito atrás. Séc. XIX.
- G — Teresa Domingues — Séc. XVIII.
- H — Francisco da Silva Vieira — Séc. XVIII.
- I — Custódio Luís Alves de Macedo, morto em 1836 (atrás).
- J — Manuel Álvares e outros — soldados mortos na guerra com os franceses.
- L — Estêvão Fernandes, cavaleiro — ver Inquirições — Séc. XIII.
- M — Menendo Aires — Séc. XII.
- N — M. Lourenço, José São Bento, (Navalhinhas), A. Morgado, António Coto (Galo de Barcelos), Anselmo de Vasconcelos: homens da orquestra que houve em Galegos — princípios do Século XX.
- O — João Adelino Lourenço — clandestino para os E. U. da América, genro de João Abreu (usurário, dizem).
- P — Bento José de Macedo (padre) — Séc. XVIII.
— Pereira de Galegos — Avô do Marcelino J. Pereira.

CONCLUSÃO

1 — Muito mais é o que fica por dizer que o dito: são mais de 2000 anos desta terra.

2 — Vêem-se modas que surgiram, abriram caminho e passaram dando lugar a outras. Há contudo um fio permanente: a breve duração dos viventes que só são recordados pelas obras que fizeram. Sempre a luta pela vida. Que é mais eficaz se soubermos evitar os erros em que os anteriores caíram e trabalhar para os anos que hão-de vir.

3 — Um dos maiores bens é a cultura, o saber, que não deve ser separado do fazer.

4 — Por sobre as agitadas paixões, línguas, modas, pancadarias, tumultos, zangas, pragas sacrílegas entre Hóstia e Cálix, sexo e rondas, jogos de pau e danças, dramas de Santa Isabel (casa do Estrugido), casamentos interesseiros, adúlteras como a do Inquiné, nascidos ilegítimos como os da Costinha, da Rata ou a Maria Rosa, agressão ao pároco, ilegítimos do pároco; acima dos que têm letras e dos que ter não puderam — por falta de bens uns e de cabeça outros, paira uma lei: o mal prejudica e vence-o sempre o bem. Este é obra da Providência.

Composto e Impresso na
TIP. «A UNIÃO», LDA.
Torres Vedras

biblioteca
municipal
barcelos



26820

Galegos, Santa Maria (Barcelos)